

O PAPEL DAS METÁFORAS CONCEPTUAIS EM FÁBULAS

Karine Souza da Silva (UERJ)
karine.souzadsilva@gmail.com

RESUMO

Este trabalho se dedica a analisar as relações metafóricas e de mesclagem à conceptualização do gênero literário de Fábulas e sua importância à percepção dos valores morais e éticos. As concepções-chave adotadas para o seu desenvolvimento teórico/metodológico serão a Teoria da Metáfora Conceptual (Lakoff; Johnson, 1980) e a Teoria da Mesclagem Conceptual (FAUCONNIER; TURNER, 2002), aliadas aos conceitos de Esquemas Imagéticos e de Domínios. A análise é feita a partir de uma atividade de contação da fábula de Esopo “A cigarra e a formiga” realizada por uma professora de escola municipal com seus alunos do berçário. Espera-se, além dos processos de construção de sentido para as fábulas, evidenciar que no processo de aprendizagem, pode-se buscar um equilíbrio ao lidar com o conhecimento, levando em consideração o lado afetivo e emocional dos alunos, transformando a lição em algo prazeroso.

Palavras-chave:

Esopo. Valores. Metáfora e mesclagem conceptual.

1. Introdução

Este trabalho é uma etapa inicial do meu mestrado em Linguística, que se dedica a analisar a relação entre metáfora e integração conceptuais e como atuam na conceptualização das fábulas de Esopo, além de sua importância para o desenvolvimento de valores morais e éticos. As concepções-chave adotadas para o seu desenvolvimento teórico serão o conceito da Teoria das Metáforas Conceptuais proposta por George Lakoff e Mark Johnson em seu livro *Metaphors we live by* (1980) e a Teoria da Mesclagem Conceptual (FAUCONNIER e TURNER, 2002). A pesquisa é de natureza qualitativa, não essencialista e se baseia na Teoria da Linguística Cognitiva para responder à pergunta: é produtivo trabalhar o aspecto moral das fábulas com crianças na primeira infância? A fábula em análise é “A formiga e cigarra” do escritor Esopo.

Os principais objetivos são verificar o papel das metáforas conceptuais e integrações conceptuais existentes nas fábulas como forma de desenvolvimento da moral e da ética e observar como refletem e influenciam nossos pensamentos e nossas ações.

Primeiramente, serão apresentados os pressupostos teóricos utilizados como base para este trabalho. Em seguida, será feita a análise do corpus escolhido e sua aplicação em sala de aula e, por fim, serão apresentadas as considerações finais pertinentes a esse projeto.

2. *Pressupostos teóricos*

A metáfora constitui um processo cognitivo que está no coração da comunicação e dos pensamentos humanos. “A essência da metáfora é entender e experienciar um tipo de coisa em termos de outra.” (ABREU, 2010, p. 41 *apud* LAKOFF; JOHNSON, 1980) e o papel de quem interpreta é identificar pontos de similaridade. Uma outra função da metáfora seria a argumentativa, no dizer de Lakoff e Johnson: “A metáfora pode ter um efeito de retroalimentação, guiando nossas futuras ações, de acordo com ela.” (ABREU, 2010, p. 52 *apud* LAKOFF; JOHNSON, 1980). Tal teoria defende que as metáforas existem na cultura e não há como interagir e entender o mundo sem vivenciá-las. De acordo com a linguística cognitiva, a metáfora está relacionada à noção de perspectiva, em que diferentes modos de conceber fenômenos particulares estão associados a diferentes metáforas.

A metáfora (conceptual) é, também, uma forma de projeção conceitual envolvendo mapeamento entre domínios conceituais distintos. A função central de um domínio é prover um contexto de conhecimento relativamente estável em termos de que outros tipos de unidades conceituais podem ser entendidas. São relacionados dois domínios: o fonte – cujos aspectos são mais concretos – e o alvo – com aspectos mais abstratos. No estudo desta figura de linguagem, além da transferência de traços do domínio de imagem, são transferidos valores.

A metáfora conceptual é considerada básica e indispensável ao pensamento e é enraizada na natureza da interação humana com o mundo sócio-físico de experiência corpórea. A estrutura conceitual é organizada por domínios cruzados entre domínios conceituais e alguns desses mapeamentos são graças às experiências corpóreas pré-conceituais. Esta é de acesso automático e envolve a conceptualização de um domínio de experiência em termos de outro, e está tão enraizada no nosso dia-a-dia, que os “conceitos abstratos são em grande parte metafóricos” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 3). Metáforas são usadas cotidianamente, não somente na linguagem, mas no pensamento e nas ações também. Nosso sistema conceptual comum, sobre o qual pensamos e agimos, é funda-

mentalmente metafórico. Considerando essa ideia de que nosso sistema conceitual é estruturado e definido metaforicamente, então o jeito que pensamos, o que experienciamos e o que fazemos todo dia é uma questão metafórica. Nossos valores formam um sistema coerente com os conceitos metafóricos pelos quais vivemos. Nossos conceitos estruturam o que percebemos e como nos relacionamos com outras pessoas, logo, nosso sistema conceitual tem um papel central em definir nossas realidades. Já que muito da nossa realidade social é entendida em termos metafóricos, e já que nossa concepção do mundo físico é parcialmente metafórica, pode-se dizer que metáforas possuem um papel significativo em determinar o que é real para nós. A verdade é sempre relativa ao entendimento, que é baseado em um sistema conceitual não universal, refletindo ideologias e modos de ver o mundo.

Há uma relação entre linguagem, mente e experiência corpórea: a linguística cognitiva mudou o foco de atenção de metáfora na linguagem para metáfora na mente. Um princípio central da abordagem da linguística aplicada à metáfora é que esta deve ser investigada na linguagem e na mente. De acordo com a Teoria da Metáfora Conceptual, nossa habilidade em lidar com conceitos abstratos está relacionada às nossas interações físicas mais diretas com o mundo, através do jeito que percebemos o ambiente e movemos nossos corpos. Lakoff e Johnson (1980) afirmam que metáforas conceptuais estruturam como as pessoas percebem, como pensam e o que fazem, além de afirmarem que representam maneiras de pensar, nas quais as pessoas explicam metaforicamente determinados conceitos abstratos como o tempo, emoções, sentimentos em termos mais concretos. Dessa forma, percebe-se que a língua funciona como uma lente pela qual vemos o mundo.

Metáforas unem razão e imaginação. A razão, no mínimo, envolve categorização e inferência. A imaginação envolve ver uma coisa em termos de outra – o que é chamado de pensamento metafórico. Logo, pode-se dizer que metáfora é um raciocínio imaginativo e é uma das mais importantes ferramentas para tentar compreender o que não pode ser totalmente compreendido: como os nossos sentimentos, práticas morais, consciência espiritual, etc. A linguagem da imaginação é necessária para expressar aspectos únicos e pessoais da nossa experiência. As metáforas conceptuais, e seus conceitos adjacentes, facilitam a compreensão, a projeção e aprendizado, o armazenamento na memória, e o acionamento de processos cognitivos nas fábulas. Seus objetivos são proporcionar, possibilitar, guiar o processo (cognitivo) de compreender a mensagem,

de fazer conhecimento e de auxiliar na projeção para situações cotidianas, fazendo transferência entre domínios da realidade.

Considerando que o Esquema Imagético estrutura as metáforas e que decorre de nossas interações com o mundo, nossas experiências corporais, perceptuais e sensorio-motoras que ocorrem repetidamente na experiência humana, Vyvyan Evans conceitua o Esquema Imagético, em seu livro *A Glossary of Cognitive Linguistics* (2007), como uma representação conceitual relativamente abstrata que surge direto de nossa interação cotidiana com o mundo. Deriva de experiências sensoriais e perceptuais e, conseqüentemente, corpóreas; logo, é função do nosso corpo e de nossa interação com o mundo. Tal Esquema surge em conjunto com nosso ambiente físico e psicológico durante a infância. George Lakoff e Mark Johnson afirmam que os esquemas imagéticos proporcionam a base para o pensamento abstrato e que são uma representação imagética emergente de experiências corpóreas.

A construção da significação referente ao universo cultural leva em conta a captação dos dados da experiência. Uma das hipóteses centrais dessa abordagem é que as experiências humanas mais básicas – corpóreas – fornecem as bases dos sistemas conceituais humanos. O pensamento é compreendido como corporificado, já que sua estrutura e sua organização estão associadas diretamente à estrutura do corpo, assim como às restrições humanas de percepção e de movimento no espaço. Considerando a proposta filosófica de Putnam (1981) em relação à razão humana, Lakoff (1987), um dos precursores da linguística cognitiva, adota o realismo experiencialista em seus estudos. Apesar de reconhecer a existência da realidade externa, o realismo experiencialista assume que, devido à forma e à configuração dos corpos e cérebros humanos, estabelece-se uma perspectiva particular entre várias perspectivas possíveis e igualmente viáveis em relação ao mundo.

Porém, utilizar somente a Teoria das Metáforas Conceituais não daria conta de analisar esses fenômenos, logo foi necessário, também, analisar à luz da Teoria da Integração Conceptual, ou Teoria da Mesclagem Conceptual (FAUCONNIER; TURNER, 2002).

A integração (ou mescla) conceptual é uma operação mental básica altamente imaginativa crucial ao pensamento mais simples, que surge de uma rede de espaços mentais, de uma rede de integração conceptual, que envolve a projeção seletiva de elementos de minimamente quatro espaços:

- Espaços iniciais de entrada – espaços-input 1 e 2 interconectados;
- Espaço genérico – projeta-se sobre cada um dos inputs, contendo o que os dois inputs têm em comum em qualquer momento do desenvolvimento da rede de integração conceptual;
- Espaço-mescla – em que elementos dos espaços iniciais (*inputs*) são parcialmente projetados.

Espaços mentais são regiões de espaço conceptual que contém tipos específicos de informação. São construídos ‘on-line’, no momento de fala ou de pensamento e podem ser estruturados por outras entidades cognitivas incluindo frames, MCI ou domínios. Tais espaços mentais podem ser comparados à bolhas de sabão, pois são ativados por gatilhos linguísticos no momento de uso e, a partir do momento em que não estão sendo mais utilizados, são desativados. Estes processam as informações, enquanto a memória de trabalho e a de longo prazo processam o sentido.

Desenvolvida por Gilles Fauconnier e Mark Turner, tal teoria diz que a construção de sentido envolve integração de estrutura que dá origem a mais do que a soma de suas partes. Foi desenvolvida, originalmente, para dar conta do papel da linguagem na construção de sentido, particularmente aspectos ‘criativos’ da construção de sentido. Entretanto, pesquisas recentes mostram que a integração conceptual é central ao pensamento humano e à imaginação, e que evidências para isso podem ser encontradas não somente na linguagem humana, mas, também, em uma ampla variedade de áreas de atividade humana. Fauconnier e Turner afirmam que a habilidade de produzir integração conceptual pode ter sido um mecanismo chave em facilitar o desenvolvimento de comportamentos humanos avançados que dependem de complexas habilidades simbólicas.

O estudo da mesclagem pode mudar nossa forma de ver o mundo, porque permite descrever fenômenos aparentemente díspares, relacionando-os e ampliando-os de modo a revelar novos fenômenos. A integração conceptual é o coração da imaginação, porque, nesse processo, espaços-inputs são conectados, projetados seletivamente em um espaço-mescla, que desenvolve uma estrutura emergente. O pensamento criativo, imaginativo, torna os seres humanos capazes de produzir e compreender operações mentais complexas, tais como, inferir, hipotetizar, inventar, criar mundos, realizar analogias etc., muitas vezes, sem se dar conta da complexidade inerente a esses raciocínios.

A Mescla é um mecanismo dinâmico de compressão para não sobrecarregar a mente e a memória. Esta é a origem das ideias, a faísca que aciona as novas ideias pelas quais o ser humano é propenso a ter. Uma vez criada, a mescla pode se tornar uma rotina cognitiva fixa, armazenada, com potencial para se tornar o input de outro processo de integração conceptual. Construir sentido envolve muitos processos: frames, topologia, conhecimento geral, contexto, conexões de identidade e papéis e relações vitais e, acima de tudo, mesclagem. Um dos mais importantes aspectos de nossa eficiência e criatividade é a compressão alcançada por meio da mesclagem.

Assim, a capacidade de abrir, conectar e mesclar espaços mentais fornece um insight global, uma compreensão em escala humana e um novo sentido, tornando os seres humanos mais eficientes e criativos. Um dos mais importantes aspectos dessa eficiência, em termos de insight e criatividade, é a compressão alcançada por meio da integração de relações conceptuais, denominadas relações vitais (FAUCONNIER; TURNER, 2002, p. 92ss). Em termos conceptuais, o processo de integração pode ser considerado um poderoso mecanismo para a criação e a compreensão da capacidade imaginativa da mente humana, porque propicia a ativação de informações de forma otimizada, em termos de sobrecarga da memória, por meio de compressões que podem ocorrer dentro e entre os espaços mentais que compõem a rede. Os processos cognitivos usados na aprendizagem e no uso da língua (como comparação, mesclagem, padrões, categorização) são os mesmos usados para dar sentido ao que ocorre ao nosso redor. As palavras com que entramos em contato são apenas gatilhos para vários processos cognitivos em que usamos nosso conhecimento de mundo para preencher as informações que faltam.

As teorias da metáfora e da integração conceptuais podem ser consideradas complementares (GRADY *et al.*, 1999), porque, embora existam metáforas primárias motivadas por correlações de experiências físicas e/ou perceptuais básicas, como importância e tamanho, que, segundo a literatura, não envolvem integração, tais metáforas podem configurar inputs para mesclagem. Assim, as metáforas primárias são baseadas em uma correspondência entre conceitos, em vez de domínios inteiros – embora os conceitos da fonte primária e do alvo primário estejam em domínios diferentes (EVANS; GREEN, 2006, p. 437). De acordo com a Teoria da Integração Conceptual, as duas partes de uma metáfora se juntam em um domínio separado ou ‘espaço integrado’ e o resultado é um significado que não é claramente relacionado nem ao domínio alvo nem

ao domínio fonte. Esse significado é, às vezes, referido como uma estrutura emergente. Ainda considerando esta teoria, os domínios alvo e fonte de uma metáfora conceptual não são entidades fixas, rígidas onde sentidos são mapeados de um ao outro. Ao invés, são dinâmicos e ‘espaços mentais’ temporários que são construídos conforme são necessários para comunicar um sentido. A teoria da mesclagem vê a metáfora como um processo mais dinâmico.

3. *Fábula*

O *corpus* analisado é do gênero literário “Fábula”. A justificativa desta escolha é pelo fato de que as fábulas possuem linguagem e forma de fácil compreensão e possuem caráter moral importante para a formação de pensamento crítico.

Dessa forma, ouvindo essas histórias, a pessoa familiariza-se com virtudes e defeitos do caráter humano, muitas vezes, personificado por animais com características humanas e tem a oportunidade de refletir sobre suas atitudes e valores. Segundo Ahlert (2007), o maior desafio da escola na atualidade é ensinar a pensar, porque se pensarmos, poderemos contribuir para as mudanças que acreditamos que sejam necessárias e a melhor forma de se fazer isto é estimular as pessoas a questionarem sobre a realidade e a posicionarem-se criticamente diante dos fatos. A todo instante, o ser humano faz escolhas na vida e estas são baseadas em seus princípios e valores. Logo, torna-se necessária uma constante reconstrução dos mesmos, através daquilo que conseguimos perceber das fábulas. O trabalho com este gênero oportuniza ao aluno compreender, posicionar-se criticamente e refletir sobre questões morais de valores, respeito e cidadania.

Segundo Turner, os tipos de história que são mais essenciais ao pensamento humano produzem experiências que nos impressionam, mas nós não nos damos conta dessas histórias em si, pois elas estão sempre presentes e Abreu afirma que uma vez que uma cena tenha sido armazenada na memória, o cérebro emocional pode, posteriormente, fazer uso disso para fazer julgamentos e que este processo trata-se de uma integração por compreensão. Considerando essas afirmações, nota-se que as fábulas funcionam dessa forma, pois são histórias marcantes que se armazenam na memória afetiva e que, inconscientemente, transmitem conhecimentos ao longo da vida.

A partir da compreensão da moral da fábula, da mensagem transmitida por esta, é que a criança pode desenvolver seus valores morais e éticos. A fábula é capaz de transmitir mensagens de forma lúdica, alcançando o interesse e a emoção das crianças, de forma a fazer sentido para elas e a se armazenar em sua memória. A metáfora ajuda a fazer analogia entre a história fictícia com situações reais por meio da transferência de domínios (concreto – abstrato) contidos em metáforas conceptuais, que conceituam nossa maneira de pensar e agir.

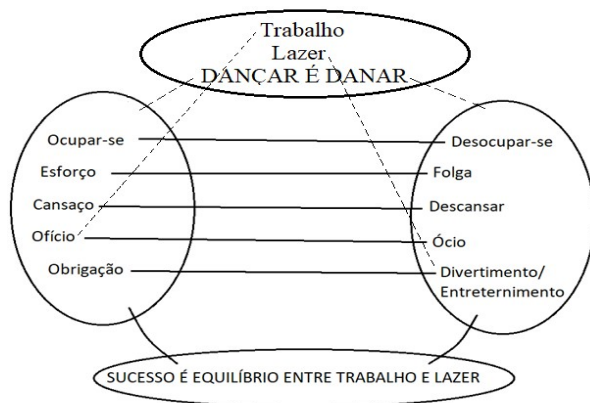
Em seguida, tem-se a fábula selecionada, sua análise e sua aplicação em sala de aula.

Fábula A formiga e a cigarra:

Num belo dia de inverno as formigas estavam tendo o maior trabalho para secar suas reservas de comida. Depois de uma chuvarada, os grãos tinham ficado molhados. De repente aparece uma cigarra: – Por favor, formiguinhas, me deem um pouco de comida! As formigas pararam de trabalhar, coisa que era contra seus princípios, e perguntaram:

– Mas por que? O que você fez durante o verão? Por acaso não se lembrou de guardar comida para o inverno? Falou a cigarra: – Para falar a verdade, não tive tempo, passei o verão todo cantando! Falaram as formigas:

– Bom... Se você passou o verão todo cantando, que tal passar o inverno dançando? E voltaram para o trabalho dando risadas.



A partir da coda desta fábula, pode-se dizer que a moral trata-se de quem não trabalha ou não se esforça, se prejudica ou falha. Tal mensagem pode ser aplicada a diversas situações cotidianas, como experiências em empregos e estudos. Nesses casos, quando não há esforço, não há sucesso.

Analisando esta fábula, nota-se que o input 1 tem aspectos de trabalho e que o *input 2* tem aspectos de lazer que se opõem ao input 1. Acima, tem-se o espaço genérico com aspectos em comum entre esses inputs, como o trabalho, o lazer e a metáfora DANÇAR É DANAR, considerando que a cigarra se prejudicou ao não trabalhar. Abaixo, no espaço mescla, cria-se uma nova metáfora SUCESSO É EQUILÍBRIO ENTRE TRABALHO E LAZER. A partir do surgimento dessa metáfora, tem-se como Domínio Fonte aspectos mais concretos de trabalho e lazer e, como Domínio Alvo, um aspecto mais abstrato de sucesso, já que esse conceito é relativo. Considerando os Esquemas Imagéticos, temos os de Percurso e Trajetória, veiculados pelo trabalho das formigas. O Frame acionado é o de trabalho e coleta de alimento, com os Modelos Cognitivos Idealizados de Cigarra como um animal cantor e de Formiga como um animal trabalhador.

Deve-se levar em consideração, também, o processo de categorização, pois o conceito de ‘sucesso’ é muito relativo e pode variar de indivíduo para indivíduo, de acordo com sua bagagem cultural, perspectiva e objetivos. Independente da significação atribuída à palavra ‘sucesso’, alcançar esse objetivo demanda esforço, porém, demanda também que seja prazeroso.

As metáforas nessa fábula possibilitam com que as relações entre aspectos abstratos do cotidiano sejam facilmente compreendidas e o processo de mesclagem correlaciona todos os inputs acionados a partir da história e abrange um maior campo de possibilidades de interpretação e significação. Dessa forma, cabe à cognição de cada indivíduo processar as informações e atribuir sentido às experiências.

4. *Relato da experiência*

A atividade foi realizada na creche EDI Medalhista Olímpica Agatha Bednarczuk, localizada em Curicica, Rio de Janeiro, para uma turma de dez alunos de dois anos de idade.

Para a contação dramatizada da fábula de Esopo “A cigarra e a formiga”, as professoras prepararam o cenário com árvores feitas de papel e utilizaram efeito sonoro de chuva. Uma professora se fantasiou de formiga, carregando consigo algumas folhas da árvore e a outra professora se fantasiou de cigarra, portando um violão. As professoras encenaram a história e, ao final, perguntaram aos alunos se acham que a formiga deveria oferecer abrigo e comida para a cigarra. Todas as crianças responderam “sim” e o motivo principal é que, apesar de a cigarra ter cometido um erro ao não trabalhar, a formiga deveria perdoar e ajudar.

5. Considerações finais

Conclui-se, então, que ao trabalhar com as fábulas de Esopo e seus aspectos morais, é possível contribuir para a construção de valores necessários em prol de uma convivência harmoniosa da sociedade. Tais histórias são capazes de influenciar o ser humano até os momentos atuais e *ad eternum*, pois tratam de valores e emoções intrínsecos ao mesmo. É uma ótima ferramenta para ser utilizada no âmbito educacional, a fim de trabalhar valores com os alunos, de forma lúdica, além de estimular o autoconhecimento.

A fábula é capaz de estimular, em até mesmo para crianças tão jovens, o exercício de atividade de reflexão e conscientização, realizando uma interação com o dia a dia do educando, valorizando conhecimentos prévios e resgatando valores sociais e culturais. É um gênero que contribui para uma transmissão cultural de conhecimentos, valores e princípios, e estes emergem das interações. O aprendizado é um processo sociocultural e interacional, assim como a co-construção de experiências ocorre em um contexto social. A atribuição de sentidos que é feita a partir da compreensão e interpretação das fábulas varia de acordo com os processos cognitivos de cada indivíduo, já que a cognição depende de experiências sensoriais motoras, em contextos biológicos, psicológicos e culturais.

Nota-se que a relação entre metáfora e integração conceptual é de caráter altamente significativo, derivada de conhecimentos prévios e emoções inerentes ao ser humano e que, atrelada à história marcante da fábula, facilita o armazenamento na memória afetiva. Para a construção de sentido, faz-se uma mescla com os espaços mentais ativados a partir de Modelos Cognitivos Idealizados, frames e domínios e, uma vez que a moral da história é compreendida, a transmissão de valores é feita. A

linguística cognitiva considera a hipótese da motivação conceptual da gramática, em que fenômenos léxico-gramaticais devem ser explicados a partir de mecanismos mais gerais da cognição humana. Os mesmos processos cognitivos para compreender o mundo, são utilizados para compreender a linguagem.

Nosso processo cognitivo é constituído daquilo que vemos, ouvimos, sentimos, percebemos, memorizamos. Ou seja, daquilo que alimenta nossos sentidos. Dessa forma, aquilo com o que mais se tem contato, se enraíza no subconsciente, e pode ser acionado a qualquer momento, levando em consideração que a memória afetiva tem forte papel em nossas percepções e ações. A partir do momento em que um indivíduo busca autoconhecer-se, ele compreende ao próximo, também. E, consequentemente, constrói respeito perante todos, o que possibilitará uma convivência harmoniosa entre todos.

Os seres humanos estão, constantemente, competindo entre si, o que gera conflito e afastamento, distanciamento. Se, ao invés de viver sob competição, optar-se por viver sob cooperação, os resultados serão mais positivos e harmoniosos. A competição gera rivalidade, medo, ódio, ganância, egoísmo e tantos outros aspectos que afetam negativamente a vida de todos. Enquanto a cooperação gera solidariedade, amor, altruísmo e todos ganham juntos de forma benéfica.

A ganância é umas das maiores causas dos problemas relacionados à disparidade socioeconômica, pois há o incessável desejo de se ter muito mais do que o necessário e não há distribuição de recursos de forma justa. Enquanto poucos têm muito dinheiro, muitos têm pouco. Somos todos parte de uma rede interacional e nossas ações influenciam na vida de todos. Logo, quanto mais cooperação houver, quanto mais o ser humano ajudar ao próximo, maior será o sucesso por parte de todos.

Considerando a pergunta de pesquisa “É produtivo trabalhar o aspecto moral das fábulas com crianças na primeira infância?”, a resposta é “sim”, pois este projeto foi aplicado para alunos de dois anos de idade e nota-se que as eles compreenderam a fábula e a moral, e utilizaram virtudes de perdão, empatia e solidariedade para responder à pergunta. Elas demonstraram muito interesse na história, que despertou emoções de surpresa, tristeza e felicidade expressas em seus rostos. Dessa forma, pode-se dizer que a fábula se internalizou cognitivamente na memória afetiva das crianças e poderá ser acionada a qualquer momento da vida, possibilitando uma inferência às situações cotidianas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAMERON, L. *Metaphor in educational discourse*. New York: Continuum, 2003.
- EVANS, V.; GREEN, M. *Cognitive Linguistics: an introduction*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.
- GIBBS, R.; LIMA, P.; FRANÇOZO, E. *Metaphor is grounded in embodied experience*. Basic Books, 1999. p. 1192
- KOVECSES, Z. *Where metaphors come from*. New York: Oxford University Press, 2015.
- KOVECSES, Z. *Metaphor: a practical introduction*. New York: Oxford University Press, 2010.
- KOVECSES, Z.; POLZENHAGEN, F.; VOGELBACHER, S.; KLEINKE, S. *Cognitive explorations into metaphor and metonymy*. Frankfurt: Peter Lang, 2014.
- KOVECSES, Z. *Language, mind and culture: a practical introduction*. New York: Oxford University Press, 2006.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
- LITTLEMORE, J. *Applying cognitive linguistics to second language learning and teaching*. UK: Palgrave Macmillian, 2015.
- TURNER, M. *The literary mind*. New York: Oxford University Press, 1996.
- SITE DE DICAS, ESOPÓ. Site de Dicas, 2017. *Fábulas de Esopo Ilustradas: A formiga e a cigarra*. Disponível em: <<https://www.sitededicas.com.br/a-formiga-e-a-cigarra.htm>>. Acesso em: 3 de abril de 2019.
- FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basis Books, 2002.